

5.000 anos de dívida? - Aufheben

Fonte: <https://libcom.org/library/5000-years-or-debt>

& <https://bibliothequedumarxisme.files.wordpress.com/2019/10/graeber-final-2.pdf>



David Graeber, o anarquista e a lenda

Não há necessidade de apresentar David Graeber a muitos de nossos leitores. Podemos dizer que esse professor anarquista de antropologia alcançou o status de superestrela radical graças ao seu envolvimento em protestos e às suas posições e escritos radicais ousados.

Graeber conquistou, com razão, uma grande credibilidade nas ruas. Ele esteve envolvido na campanha pelo cancelamento da dívida do "terceiro mundo" e contra as políticas impostas pelo FMI no período que antecedeu o ano 2000; no movimento antiglobalização na virada do milênio; e mais tarde no movimento Occupy dos EUA contra a austeridade, que se seguiu à crise financeira de 2008. Ele também é conhecido como a pessoa que cunhou a frase "nós somos os 99%", que circulou pelo mundo todo. Além disso, ele tem sido um defensor vigoroso e consistente das práticas de ação direta e democracia direta.

No entanto, centenas de milhares de pessoas radicais participaram de grandes movimentos e ações diretas sem se tornarem estrelas radicais. O que tornou Graeber tão especial foi uma combinação abençoada de habilidades acadêmicas e uma postura anarquista. Por ser um acadêmico, ele teve tempo e habilidades para acessar áreas

inteiras do conhecimento humano (história, pensamento político, economia e, é claro, antropologia) e aprendeu as habilidades de comunicação para apresentar seus argumentos.

Em maio de 2005, a integridade de Graeber recebeu um selo de aprovação internacional depois que a Universidade de Yale se recusou a renovar seu contrato; isso se tornou uma causa célebre que ele e seus apoiadores revestiram de lendas políticas. Graeber foi dispensado por Yale, a lenda confirma sem ambiguidade, por causa de sua atividade política e/ou por apoiar um membro do sindicato estudantil ameaçado de expulsão.

Assim como Graeber, o acadêmico, foi punido por ser anarquista, Graeber, o anarquista, foi perdoado por ser um acadêmico¹. Ele agora adquiriu grande influência no círculo anarquista e ativista de Londres e foi um dos principais oradores em uma recente Feira do Livro Anarquista anual, superado apenas pelo jornalista Paul Mason.

A dívida como o produto teórico dos movimentos recentes

Também não há necessidade de apresentar o livro de David Graeber, *Debt: The First 5,000 Years*, a muitos de nossos leitores. Mais uma vez, uma abençoada coincidência fez com que a história da dívida de Graeber fosse vista como o *Das Kapital* do movimento Occupy. O livro foi publicado no auge dos debates e protestos em torno da crise de 2008, e o movimento Occupy contribuiu para sua difusão².

O Occupy foi um movimento diversificado e bastante amorfo, baseado principalmente no ativismo e, em sua maior parte, antiteórico. Por um lado, suas manifestações fora do Zuccotti Park (Wall Street) incluíam uma comuna militante em Oakland, que expressava uma análise de classe, bem como vínculos práticos com as paralisações de muitos portos da Costa Oeste em uma campanha de apoio aos caminhoneiros sobre salários e

¹ Ele também é perdoado por usar suas habilidades de escritor e a abundância de tempo disponível para lançar ataques acalorados contra qualquer pessoa que ouse criticar seu livro. Como Henry Farrell reclama: Infelizmente, David Graeber é também uma das pessoas mais tóxicas com quem já tive a infelicidade de entrar em um debate... infelizmente incapaz, como até mesmo uma pesquisa superficial no Google revelará, de tratar uma crítica séria como algo diferente de uma tentativa de deslegitimação" ("No, China is not paying tribute to the US, Henry Farrell vs David Graeber, Part CCXXVII", <http://delong.typepad.com/sdj/2013/02/is-china-paying-tribute-to-the-us-henry-farrell-vs-david-graeber-part-cxxvii.html>).

² Como Mike Beggs escreveu em Jacobin, Graeber tornou-se um guru do movimento Occupy, não apenas como participante, mas também como presença intelectual, com seu livro em bibliotecas de acampamentos em todos os lugares ("Precisamos de mais grandes histórias, mas 5.000 anos de anedotas não substituem a economia política real", <http://jacobinmag.com/2012/08/debt-the-first-500-pages/>).

condições³. Por outro lado, o Occupy também promoveu uma campanha chamada "Strike Debt!", que envolve tanto a orientação das pessoas sobre como administrar suas dívidas (por meio de um manual)⁴ quanto a compra e a abolição das dívidas de pessoas aleatórias.

Essa amorfia do movimento Occupy e a falta de uma teoria coerente deram a Graeber a oportunidade de preencher essa lacuna. De fato, há um bom ajuste. Como veremos, sua categoria populista "os 99%", que está tão inextricavelmente associada ao Occupy, é tão vaga e amorfa quanto seu conceito de "devedores". Ela pode facilmente incluir tanto forças de classe quanto alianças entre classes - como o movimento tem feito na prática.

Graeber, portanto, surgiu como o principal intelectual de um movimento que era principalmente prático.

A combinação de credibilidade nas ruas e erudição deslumbrante exibida por seu livro serviu para obter uma resposta positiva de muitos ativistas e até mesmo de marxistas. *Debt* não apenas alcançou popularidade nos círculos anarquistas, mas também vendeu um número surpreendente de cópias para um público geral mais liberal (o original vendeu 60.000 cópias nos primeiros 10 meses). Ele foi elogiado por acadêmicos, jornalistas e até mesmo por leitores conservadores.

Qual foi o segredo desse sucesso? Em primeiro lugar, seu momento: a crise financeira, ligada a sinais de raiva popular, expressa pelo Occupy e, internacionalmente, por outros grandes movimentos, como a "Primavera Árabe". Foi um momento em que o sistema financeiro global foi questionado, um momento que exigiu uma crítica teórica ousada.

Graeber pegou o momento certo. *Debt* denunciou e questionou o sistema financeiro global de forma intransigente; e o momento histórico (a rebelião de milhões de pessoas em todo o mundo) endossou *Debt* com seu próprio significado. Os membros da ordem estabelecida, bem como a esquerda intelectual, estavam preparados para respeitar esse livro ousado e aceitá-lo como uma crítica teórica ao sistema financeiro. Entretanto, ao mesmo tempo, talvez não estivessem dispostos a submeter o livro ao mesmo nível de escrutínio que outros livros teriam recebido.

Radicalismo acolhedor e indutor de admiração

³ <http://libcom.org/library/occupy-oakland-dead-long-live-oakland-commune> e <http://libcom.org/forums/news/west-coast-port-shutdown-today-12122011>

⁴ O manual de operações dos registradores de dívidas, <http://strikedebt.org/The-Debt-Resistors-Operations-Manual.pdf>

Embora tenha havido várias resenhas críticas de marxistas, também houve muitas resenhas positivas, não apenas de círculos anarquistas ou ativistas, mas também em jornais importantes e até mesmo entre a burguesia; Ingo Stützle menciona até mesmo uma resenha do economista-chefe do grupo Deutsche Bank⁵. Todos os resenhistas ficaram impressionados com a erudição; e os leitores de esquerda ficaram impressionados com a audácia do livro - por exemplo, com a frase muito elogiada: "Gostaria, então, de terminar falando bem dos pobres não industriais. Pelo menos, eles não estão fazendo mal a ninguém"⁶. Mesmo entre alguns membros da esquerda não-leninista, as críticas foram brandas e, muitas vezes, limitadas a uma ou duas questões isoladas, entre as milhões e uma mencionadas no livro⁷.

Embora o segredo do sucesso de *Debt* para os anarquistas seja claro, seu sucesso com a classe média ou mesmo com os leitores burgueses é mais interessante. Uma resenha do novo livro de Graeber sobre democracia direta, feita por um colunista e acadêmico do Guardian, deixa claro que o radicalismo de Graeber pode encher o coração da elite intelectual com um fator de bem-estar radical e ainda assim ser reconfortante:

Ao ler *The Democracy Project*, senti o impacto de sua crítica. Como muitas pessoas, anos de políticas de crise inconclusivas me deixaram desanimado e apático. Apesar de suas falhas, este livro me despertou⁸.

Talvez seja a boa vontade de *Debt*, sua visão implícita dos "pobres" como vítimas, seu uso de conceitos de senso comum e, em última análise, burgueses de "violência" e "roubo" como referências morais, que sejam tranquilizadores. Não há nada ali que possa ser sentido como uma ameaça ao princípio sagrado da propriedade privada e à atual

⁵ Esse artigo foi publicado na edição de abril de 2012 da revista de política econômica Wirtschaftsdienst. Consulte 'Debt and punishment: a critical review of David Graeber's *Debt*', Gang of Four at the Columbiashalle, Berlin, 26/3/2011. <http://communism.blogspot.eu/2012/06/12/debt-and-punishment-a-critical-review-of-david-graebers-debt>

⁶ p. 389

⁷ Por exemplo, a crítica da Wildcat começa elogiando Graeber porque sua "escrita está repleta de hostilidade ao capitalismo" e por não "se envolver em uma marcação sectária de pontos". Em seguida, eles mergulham em argumentos acadêmicos sobre o conceito de "materialismo" para atacar o entendimento de Graeber de "materialismo" como simplesmente "ganância" e para criticá-lo por evitar a questão das relações materiais entre as classes. O fato de o Wildcat sentir a necessidade de confrontar a erudição de Graeber com a erudição, no entanto, tem o resultado de suavizar sua excelente crítica, transformando-a em um debate entorpecente e doloroso entre intelectuais radicais, que acaba irradiando um sentimento de respeito recíproco acolhedor. 'No interest but the interest of breathing', Wildcat, 30 de junho de 2012, Wildcat sente o dever de confrontar a 'erudição' de Graeber com erudição. http://www.wildcat-www.de/en/wildcat/93/e_w93_bb_graeber.html.

⁸ David Runciman, 'The democracy project: a history, a crisis, a movement by David Graeber - review', The Guardian, 28 de março de 2013. <http://www.theguardian.com/books/2013/mar/28/democracy-project-david-graeber-review/>

hierarquia desfrutada por acadêmicos, jornalistas e outros leitores encantados. Mas há mais. É o radicalismo idealista de Graeber, sua exortação a "ir além" de forma criativa dos limites estabelecidos da imaginação, aliada a uma demanda prática moderada (um jubileu da dívida), que torna o livro reconfortante: precisamente por ser tão extremo, o radicalismo de Graeber pode se dar ao luxo de existir em outro planeta e pode ser apreciado por membros da elite com a consciência tranquila.

Mas não se trata apenas de uma questão de sentimento geral: na Parte Um deste artigo, mostraremos que a própria razão para escrever *Debt*, a necessidade de enfrentar o "dilema moral" de se as dívidas devem ser pagas, e a estrutura do livro como uma história da dívida ao longo dos milênios, trai uma visão conservadora do presente que não ameaça a ordem atual das coisas - não apenas na prática, mas até mesmo em termos de ideias.

Na Parte Dois, exorcizaremos a nós mesmos (e aos leitores) da magia criada pela erudição universalmente elogiada de Graeber, que causou tantas baixas entre os cérebros da esquerda intelectual - para não falar entre os leitores burgueses. Nossa análise levará à pergunta crucial, que também é o verdadeiro dilema moral: "*David Graeber é o novo Tommy Cooper?*"

Parte 1: DILEMA MORAL E CONFUSÃO MORAL



O dilema... e a solução de Graeber

Debt, the first 5,000 years tem origem em uma longa e detalhada anedota sobre uma festa de embaixadores à qual Graeber compareceu por "uma série de estranhas coincidências": durante a festa, entre uma azeitona e uma taça de champanhe, ele não conseguiu convencer uma jovem sobre a justiça do movimento anticapitalista para o cancelamento das dívidas internacionais. A mulher não pôde ser convencida, porque, segundo ela, "as dívidas devem ser pagas".

Essa forte declaração aparentemente deu a Graeber muitas noites sem dormir e o imperativo de resolver o que ele via como um dilema moral: por um lado, acredita-se universalmente que "as dívidas devem ser pagas"; por outro lado, os credores são moralmente condenados em todas as culturas. Para Graeber, esse "dilema" está enraizado em uma falta geral de compreensão da natureza da dívida: um vazio que precisa ser preenchido, hoje mais do que nunca. A crise financeira global foi causada por um sistema de crédito corrupto e, como tal, causou indignação popular; no entanto, os protestos que se seguiram, por falta de foco, se esvaziaram e não conseguiram derrubar o capitalismo. Lendo nas entrelinhas, esse fracasso histórico prova a necessidade histórica da contribuição intelectual de Graeber.

Portanto, *Debt* nasceu para esclarecer a natureza da dívida e suas questões morais, de uma vez por todas. E Graeber nos dá, de fato, uma solução para o "dilema", uma solução tão direta e convincente que nos perguntamos por que ninguém jamais pensou nela: *há uma distinção crucial entre "obrigações morais" e "dívidas"*. As obrigações morais são baseadas em relações diretas; em contraste, as dívidas são obrigações baseadas em dinheiro impessoal.

Embora todas as culturas sustentem que as obrigações morais devam ser cumpridas, esse mesmo imperativo não pode ser aplicado às dívidas. Graeber tem um argumento inquestionável e sem rodeios sobre por que a dívida é moralmente ruim e deve ser combatida, e o repete quase a cada duas páginas⁹ : a dívida e o dinheiro comercial surgiram e sempre se basearam em três coisas obviamente ruins: 'guerra', 'violência' e 'crime' (sic).

A diferença entre dívidas e obrigações morais parece óbvia, mas não é. Como *Debt* nos mostra, com a ascendência do dinheiro, a hegemonia religiosa e cultural de uma classe dominante de credores provocou uma "confusão moral", ou melhor, uma fraude

⁹ Isso faz cerca de 1.000 vezes, ou parece.

semântica: a de chamar de "dívida" qualquer obrigação moral. Como um pecado original, essa confusão moral ainda hoje nos divide: foi essa confusão que impediu o convidado do embaixador de aprovar o movimento anticapitalista e que impediu as massas de derrubar o atual sistema financeiro global.

Além de resolver o Dilema Moral, *Debt* nos oferece muito mais: um estudo de várias formas de crédito e dinheiro, com muitas referências históricas, culturais e antropológicas, citações e exemplos. Ao analisar todo esse conhecimento, ele também nos apresenta uma nova e intrigante meta-narrativa. Desde a invenção do dinheiro comercial, diz Graeber, a história da humanidade é uma recorrência cíclica de duas "eras", caracterizadas pelo dinheiro de crédito ou pela moeda - a primeira pacífica e pontilhada de jubileus de dívidas, a segunda beligerante e atormentada pela escravidão por dívidas.

De quem é a confusão moral?

A sabedoria de Graeber parece se basear em um senso comum sólido e amplamente aceito, que qualquer pessoa, inclusive anarquistas e esquerdistas, pode ter vontade de compartilhar imediatamente - quem não é contra "guerra e violência", de fato, então quem não é contra dinheiro e dívidas? ¹⁰

No entanto, se olharmos com atenção, perceberemos que fazer uma distinção entre "dívidas" e "obrigações morais" não resolve o dilema de Graeber de forma alguma, porque exatamente o mesmo dilema afeta as duas coisas. Por um lado, as obrigações morais são necessárias em qualquer sociedade ou comunidade, ou mesmo em amizades; por outro lado, as obrigações morais para com um *Pater Familias* na Roma antiga, um sacerdote no Egito antigo ou um senhor feudal na Europa medieval faziam parte da cola ideológica que mantinha unidas as relações de desigualdade e exploração.

Assim, embora esteja claro que certas obrigações morais devam ser cumpridas, também está claro por que os camponeses, fiéis, servos etc. devem se rebelar contra as obrigações morais para com reis, senhores, sacerdotes etc. Além disso, e de forma crucial, por trás dessas obrigações morais havia a ameaça de violência¹¹. Mesmo do

¹⁰ Graeber adota os conceitos de "guerra, violência e crime", com sua bagagem emocional imediata, do senso comum convencional, e parece desinteressado em abordar a crítica anarquista de sua conotação ideológica. O uso do "roubo" como referência moral/política é ainda mais problemático.

¹¹ Graeber ignora tudo o que contradiz sua distinção simplista de "dívida" e "obrigações morais". Ao longo do livro, ele sempre minimiza a exploração, a escravidão, a dominação sexual e as guerras tribais em sociedades onde o dinheiro não era usado ou as moedas não circulavam em grande quantidade. Assim, por exemplo, ouvimos que a escravidão era "moralmente aceita" antes do dinheiro e que se tornou mais

ponto de vista das referências de Graeber de "violência" e "crime" (sic), há um problema: a violência e a ameaça de violência de fato atravessam *tanto as* dívidas quanto as obrigações morais.

Com o uso de uma máquina do tempo fictícia, podemos imaginar um convidado em uma festa em um castelo medieval, dizendo ao professor Graeber, entre um pedaço de faisão e um copo de hidromel, que todas as obrigações morais devem ser cumpridas e condenando a recente rebelião dos camponeses - o que ele responderia a isso? A verdadeira razão pela qual ninguém jamais concebeu a solução de Graeber para o "dilema moral" antes do próprio Graeber não é porque sempre perdemos algo realmente inteligente, mas porque a "descoberta" de que as obrigações morais não são a mesma coisa que dívidas é uma não-solução, que não explica absolutamente nada.

Relações de dívida e meias de lycra

A solução do "dilema" de Graeber não é apenas uma não-solução: Em primeiro lugar, o dilema de Graeber não existe! O "dilema", que muitos de nós não compartilhamos, é na verdade o produto de uma questão abstrata: se as "dívidas", em abstrato, "devem ser pagas". Qualquer dívida, feita por qualquer pessoa a qualquer pessoa, em quaisquer circunstâncias e contextos, em quaisquer situações históricas, por indivíduos ou nações etc., deve ser paga.

Mas a dívida e as formas de dinheiro têm significados diferentes em contextos humanos diferentes e não podem, por si só, explicar as relações humanas. De modo geral, uma relação de dívida não nos diz muito sobre o equilíbrio de forças entre as duas partes. Como Ingo Stützle escreveu corretamente:

Vários atores se envolvem em relações de crédito. Os devedores podem ser Estados, trabalhadores assalariados ou empresários, por diferentes motivos... A perspectiva do crédito, entretanto, faz com que todos eles pareçam iguais; *o motivo* do relacionamento de crédito que surge parece irrelevante¹².

desagradável depois; que a desigualdade sexual não era tão ruim antes do dinheiro; ou que os servos da gleba na Europa medieval tinham uma vida relativamente feliz em relação aos escravos romanos. A comparação das formas de dominação com um miserômetro não é realmente o que se espera de uma mente radical.

¹² "Debt and punishment: a critical review of David Graeber's Debt" (Dívida e punição: uma análise crítica da obra de David Graeber) (op. cit.).

É somente quando observamos nossas relações concretas (quem mantém a riqueza longe de quem, quem desfruta dos resultados do trabalho de quem, etc.) que tudo fica claro e *qualquer confusão moral desaparece*: os dominados e os explorados *sabem* quais obrigações ou dívidas morais seria bom não cumprir se pudéssemos!

Toda a meta-narrativa da *Dívida* e sua leitura da história baseiam-se, de fato, nesses conceitos vazios, que pretendem explicar as relações humanas e a história, mas que, na verdade, as empobrecem. Partir dessa pobreza de conceitos para explicar uma riqueza de relações humanas complexas é como tentar dizer algo profundo sobre pés diferentes, partindo de um par de meias de lycra que servem para todos os tamanhos. Assim, Graeber tem de dar à dívida um significado único, que se espera que se aplique a todos os assuntos e épocas: ele adota o senso comum moralista e "radical" de que a "vítima" é o devedor e o "vilão" é o credor, um entendimento que simplesmente põe de lado o "senso comum" burguês de que o credor tem razão e toda dívida deve ser paga.

Não é de se surpreender que essa abordagem abstrata leve Graeber a se meter em confusões desnecessárias e bastante divertidas, por exemplo, quando ele precisa explicar por que os EUA, óbvios vilões internacionais, são os maiores devedores internacionais do mundo¹³.

Quando o devedor é o vilão

Os EUA não são o único problema para Graeber. Um exemplo que é mais interessante, porque se relaciona com nossa sensação diária de estarmos sendo roubados de nossa vida, dia após dia, é o trabalho assalariado.

Se trabalhamos para um empregador, passamos muitas horas do mês em seu escritório, loja ou fábrica, esperando receber um salário em troca. No entanto, essa troca não é simultânea: o pagamento do nosso salário é suspenso até o final da semana ou do mês. Como Graeber observa corretamente, o fato de trabalharmos é garantido por essa suspensão, que é, na verdade, uma relação de dívida. Em uma relação social fundamentalmente baseada na troca, somente uma relação de dívida pode obrigar os indivíduos a fazer algo para outros indivíduos¹⁴. Tudo isso parece bastante correto e

¹³ Na Parte 2, apreciaremos as acrobacias de Graeber para sair dessa confusão.

¹⁴ Os marxistas e marxistas podem questionar essa interpretação da relação salário-trabalho, já que não trocamos trabalho com um salário - colocamos nossa capacidade de trabalho nas mãos do empregador, em vez de vender a ele o produto de nosso trabalho. Essa distinção sutil é a base da aparente "autoexpansão" de um monstro: o capital.

consistente com o restante de *Debt* e seu espírito: as relações de dívida são a base das relações entre ricos e pobres, exploradores e explorados, como sempre aconteceu nos últimos 5.000 anos... No entanto, há um pequeno detalhe que não se encaixa: o empregador, que é o vilão óbvio, deve dinheiro ao empregado no final do mês e é, portanto, nesse aspecto... um devedor.

Isso, no entanto, não parece correto. Se, de acordo com a abordagem moralista de Graeber, o empregador é o vilão óbvio, ele deve ser um credor, por bem ou por mal. A fim de nos impressionar com sua erudição e nos mostrar que esse é o caso, Graeber nos faz viajar para um vilarejo nos Pirineus, onde as relações diretas se sobrepõem às relações de troca. Um empregador que dá um emprego a alguém em sua cidade provinciana favorece alguém que ele conhece, e isso gera gratidão eterna. Como em uma cidade da província siciliana, o empregado sente a obrigação de dar um presente ao seu empregador todo Natal. Está vendo? Segundo Graeber, essa é uma relação de dívida, em que o proprietário da fábrica é o credor. E, ele gosta de acrescentar, nenhum presente jamais poderá pagar a dívida - a dívida com o proprietário da fábrica é impagável.

No entanto, se deixarmos os Pirineus e voltarmos a Brighton, descobriremos que aqui a maioria das relações econômicas se baseia na troca e não no conhecimento mútuo das pessoas. Em Brighton, seria engraçado se um caixa da Asda devesse presentes de Natal ao conselho que o selecionou¹⁵ : o que é peculiar nos Pirineus é o fato de que a "dívida" na verdade *não é uma dívida, mas... uma obrigação moral*, baseada em relações diretas, e não inerente à troca de salário e trabalho. E uma que foi abolida em um contexto capitalista desenvolvido, como na loja Asda em Brighton.

Não estamos criticando Graeber por não ser marxiano... mas por não ser graeberiano! Já tendo lido metade de seu livro, acreditávamos que sua grande descoberta, aquela que resolveu o dilema moral dos últimos 5.000 anos, era que "dívida não é a mesma coisa que obrigação moral"! E recebemos exemplos detalhados de tais obrigações morais extraídos de estudos antropológicos, que corroboraram essa distinção qualitativa e mostraram que as obrigações morais são baseadas em relações diretas e, como tal, *nunca podem ser pagas* em termos de dinheiro ou presentes valiosos. Portanto, ficamos surpresos com o fato de que a mesma pessoa que escreveu a metade anterior do livro

¹⁵ Isso não torna sua exploração menos desagradável.

parece incapaz de identificar uma dessas obrigações morais quando tropeça nela, nos Pirineus.

A verdade é que, como as relações de débito são cascas vazias, não importa que o empregador seja o devedor e o empregado o credor. De fato, as mesmas relações salariais podem ser vistas como uma dívida ou um crédito de diferentes pontos de vista, ou se o trabalhador é pago em atraso ou antecipadamente¹⁶. A verdade é que uma relação salarial *não* se baseia em quem é o credor e o devedor, mas em quem é o explorador e o explorado. Graeber nos fascina com abstrações inteligentes e pequenas histórias e nos afasta das questões concretas e cruciais: as relações de poder no capitalismo, que precisamos entender se *realmente* quisermos mudar o mundo.

Graeber é incapaz de entender a base do poder e da exploração em qualquer espaço e tempo distante, muito menos nos dias de hoje. Isso fica claro quando ele equipara a relação de pais e filhos com a de senhores feudais e servos, e quando afirma que, para ser um aristocrata, basta se comportar como um aristocrata¹⁷. Será que precisamos explicar a ele que, mesmo que Baldrick se comportasse como um aristocrata, ele teria apenas controlado seu nabo? E o que fazia de um senhor feudal um senhor feudal era o controle *real* da terra e da riqueza e, portanto, dos guerreiros e das armas?

¹⁶ Graeber não teria precisado recorrer desesperadamente às relações pré-capitalistas em um vilarejo nas montanhas para provar que o empregador é o credor, se tivesse adotado a teoria de James Mill, que analisa a produção do ponto de vista da burguesia. De acordo com Mill, o empregador adianta o salário e só será reembolsado quando o produto final for vendido, o que pode levar muito tempo. Entretanto, nessa perspectiva, o devedor é a classe trabalhadora como um todo, e cada trabalhador individual não deve nada ao empregador após o dia do pagamento. O problema aqui, no entanto, é que estamos falando de relações coletivas: não há espaço para a relação simplista de Graeber entre devedor e credor como vítima e vilão. A ingratidão é expressa pela recusa coletiva de agir como a classe trabalhadora, quando, por exemplo, uma greve interrompe a produção programada!

¹⁷ Essas declarações são consistentes com a surpreendente redução de todo o comportamento humano, em qualquer espaço e tempo, a três "princípios morais" (comunismo, troca e hierarquia). Como Mike Beggs observou, Graeber "apresenta uma visão basicamente ética da história, em que as grandes mudanças são resultado da mudança de ideias sobre a realidade" (op. cit.). Isso não é muito diferente de muitas análises políticas burguesas; e, se isso levar Graeber a dizer que somos aristocratas se agirmos como aristocratas, é uma afirmação absurda.



O mistério da desigualdade no capitalismo

Além de não entender as relações de poder atuais, Graeber não entende a origem da desigualdade no capitalismo e, consequentemente, a necessidade do uso da força ("violência e ameaça de violência", como Graeber diria).

Uma das subtramas mais divertidas de *Debt* é a tentativa de Graeber de virar de cabeça para baixo o mito burguês, sustentado por Adam Smith, de que a troca cria igualdade e relações civilizadas; e seu fracasso desanimador em encontrar uma pista do que há de errado com a troca e com o próprio Smith¹⁸.

Para argumentar contra Smith, Graeber primeiro mergulha em relatos detalhados de rituais tribais que envolvem trocas de objetos e/ou mulheres e afirma que a troca é baseada na violência porque ocorre entre estranhos "a um centímetro da garganta um do outro"¹⁹. Mas, provavelmente percebendo que isso não é bom o suficiente, mais tarde ele nos dá uma não-solução diferente: ele explica que provar que Smith está errado, na verdade, não importa! Veja, diz ele de forma paternalista, a troca sempre será contaminada por relações hierárquicas; se nunca teremos uma troca pura, por que precisamos de uma teoria que explique o que há de errado com ela?

Para destruir Smith e, com ele, o apego ideológico que impede nossa imaginação de conceber um mundo em que as pessoas, e não o dinheiro, contam, precisamos mostrar

¹⁸ Exceto pelo fato de que ele pegou ideias de um manuscrito persa. A tentativa de Graeber de atacar o "mito" dos economistas políticos clássicos de que o dinheiro tem sua origem na troca, insistindo que, na verdade, o dinheiro teve sua origem na dívida, também está enredada em contradições divertidas.

¹⁹ A única evidência disso parece ser as gangues tribais brasileiras que substituíram as brigas de gangues por reuniões rituais, nas quais eles trocam itens pessoais, imitando a violência de uma briga real. Será que isso realmente sugere que a troca é violenta por natureza? Como um antropólogo habilidoso, Graeber não consegue enxergar o fato mais óbvio de que, por meio da adoção de um ritual de troca, a relação das gangues se tornou, de fato, menos... violenta.

por que o problema *não é* a poluição da troca de mercadorias por relações hierárquicas, *mas a própria troca de mercadorias*; e Graeber é simplesmente incapaz de fazer isso. Pelo contrário, sob uma fina camada de anticapitalismo radical, *Debt* se expõe como uma apologia descarada da pura troca de mercado e de seu inerente caráter igualitário.

Incapaz de encontrar um problema com a troca, Graeber recorre a uma distinção moralista entre exemplos históricos de mercados que usam moeda (ruins e originados/sustentados por estados militaristas) e aqueles que usam crédito (livres do estado e bons)²⁰. Essa distinção não faz sentido hoje em dia, pois tanto a moeda quanto o crédito são parte integrante de nosso sistema - o mesmo sistema que a economia clássica vulgar procurou justificar, enfatizando e abençoando os aspectos de liberdade e igualdade da troca ideal.

Graeber deve então voltar seus olhos, de forma romântica e acrítica, para os mercados baseados em créditos *pessoais* no passado, que ele chama de "puros" e "amigáveis" (sic)²¹. Infelizmente, o que Graeber vê como "ideal" nos mercados decorre precisamente do fato de que ele está olhando para sociedades em que as relações não mercantis moldam predominantemente a relação entre compradores e vendedores, credores e credores. No entanto, ele fica feliz em projetar nossa atual relação de troca para esse passado mítico, esquecendo suas relações peculiares de dominação, e em criar seu próprio mito de um mercado puro e ideal - *que é, precisamente, o erro ideológico dos economistas clássicos vulgares*²².

O ponto culminante do projeto pretensioso de Graeber de atacar Smith acaba em um *beco sem saída*. Isso é decepcionante para um livro que, como observa a revista marxista Wildcat,

'quer varrer toda a economia política ocidental (em sua opinião, na qual Marx aparece apenas como um irritante menor) e colocar outra coisa em seu lugar'²³.

²⁰ Mike Bragg descreve uma "história (...) contada essencialmente a partir de uma perspectiva liberal populista ou mesmo libertária: era o Estado e as grandes empresas passando por cima dos pequenos e de suas relações de troca mais puras" (op. cit.). Já existem muitas teorias sofisticadas sobre as relações entre os estados e os mercados como formas sociais co-constitutivas para que precisemos da teoria de Graeber, que é incapaz de ver além de abstrações como o "uso da moeda" e um estado que garante/impõe a moeda.

²¹ Como veremos mais adiante, ele até localiza historicamente esse mercado puro: no califado islâmico. Depois que Graeber foi confrontado sobre isso em um tópico da Libcom, ele recorreu a dizer que tudo isso foi algo que ele escreveu sem realmente acreditar, mas apenas para irritar a direita cristã!

²² Nem mesmo Adam Smith foi tão grosseiro. Na verdade, ele criticava um sistema ideal que se limitasse às relações puras de mercado e sugeriu em *The Wealth of Nations* que, em um mercado puro, os produtores inevitavelmente tirariam vantagem dos consumidores e trabalhadores.

²³ op. cit.

Se Graeber estivesse falando sério sobre deixar de lado as teorias anteriores, ele deveria ter se dado ao trabalho de estudá-las primeiro: ele teria descoberto que, em 1867, Marx já havia explicado como, paradoxalmente, a troca de mercadorias cria desigualdade *justamente por ser igual e livre*. De fato, ele mostrou que o que precisamos criticar é um *novo mundo, nunca visto no passado*, em que nossa separação dos recursos e materiais se combina com nossa liberdade de "trocar" trabalho por salário e dinheiro por produtos, escravizando-nos aos capitalistas por meio dessa mesma liberdade do mercado. Esse foi um ataque devastador ao senso comum burguês de que as relações de mercado podem ser consideradas simplesmente "amigáveis", um ataque que Graeber parece desconhecer ou não conseguir entender²⁴.

Os limites da luta de quem?

O principal problema do *Debt*, portanto, é sua suposição básica: a de que é possível entender as relações humanas, a ponto de criar uma meta-história do mundo, observando as formas abstratas de dívida e as formas de dinheiro. Vimos que o uso de categorias elásticas só pode levar a uma teoria equivalentemente disforme, feita de lycra, incapaz de explicar o poder e a exploração; uma teoria que, portanto, precisa recorrer ao *senso comum dominante*, ao moralismo barato ou a banalidades radicais, e tomar emprestado seus entendimentos deles.

Essa abordagem basicamente abstrata também tem consequências sobre a visão de história de Graeber: o uso da dívida e de formas de dinheiro para explicar 5.000 anos de história é, de fato, inerente a uma visão fundamentalmente conservadora do nosso futuro.

De fato, se a dívida e o dinheiro explicam as relações humanas, em vez de as relações humanas explicarem e mudarem a natureza da dívida e do dinheiro, nenhuma mudança histórica, social ou política jamais mudará nossas interações básicas como devedores e credores, ou como trocadores de dinheiro. Portanto, acabamos em uma teoria em que nada mudará sob o sol - a história como a alternância interminável de duas "eras" de moeda e dinheiro de crédito. É interessante notar que esses 5.000 anos de mesmice são salpicados por jubileus periódicos da dívida e/ou rebeliões contra a dívida; no entanto,

²⁴ Não seria justo criticar Graeber por não ter lido Marx, mas é justo criticá-lo por fingir ser um grande especialista: em sua bibliografia extremamente erudita, ele faz referência ao *Capital* de Marx em alemão, como se tivesse lido e entendido a edição original, enquanto fica claro que ele nem sequer refletiu sobre Marx para Iniciantes.

esses jubileus e rebeliões são contra a dívida eterna, ou melhor, eternizada, que existiu nos últimos 5.000 anos e que continuará a existir²⁵.

Graeber está mental e politicamente preso a essa teoria claustrofóbica e um pouco nietzschiana. Em uma de suas muitas explosões radicais, ele nos exorta, de forma paternalista, a ir "além" dos limites de nossa imaginação revolucionária; no entanto, sua própria imaginação se resume à proposta prática do nono jubileu da dívida desde o Faraó I da Terra das Pirâmides.

O entusiasmo de Graeber pelas revoltas contra a dívida também é resultado dessa limitação. As verdadeiras revoluções, como a francesa ou a espanhola, diferem das rebeliões dos agricultores da antiguidade exatamente porque foram além do cancelamento da dívida e criticaram *conscientemente* o papel da Igreja e da aristocracia ou, no caso da revolução espanhola, as relações capitalistas de produção e alienação. Somente se olharmos para além das formas vazias de dívida e das formas de dinheiro é que poderemos ter um movimento real de afastamento do presente. Isso transformará uma rebelião que exige apenas remédios conservadores em uma revolução²⁶.

Na próxima parte, mostraremos que as meias de Graeber, e a teoria baseada nelas, não são apenas disformes, mas têm buracos.

Parte 2. O CONJURADOR

²⁵ Ingo Stützle também observou o mesmo problema, nos seguintes termos: Graeber não reconhece o significado do dinheiro e do crédito nas sociedades pré-capitalistas, o que os distingue um do outro... Historicamente falando, uma obrigação social não é a mesma coisa que crédito, e mesmo crédito não é a mesma coisa que crédito".

²⁶ Novamente, Ingo Stützle escreve: "O cancelamento da dívida é, de fato, uma demanda correta, mas somente quando as relações sociais que constantemente geram o endividamento também forem abolidas. Parece difícil chegar a um acordo com Graeber sobre quais são exatamente essas relações sociais". Graeber tuitou em resposta: "Sinceramente, estou muito triste. Eu realmente queria me envolver com o pensamento marxista e lancei ideias para fazer isso. Os revisores as ignoram e apenas repetem a ortodoxia". Mostramos que não se trata de uma questão de ortodoxia - a questão é que as "ideias" de Graeber, que de fato refletem e reforçam muito do "senso comum" liberal e da ideologia liberal, se expõem como inerentemente conservadoras, sob uma fina camada de radicalismo.



Os fios

Dívida: os primeiros 5.000 anos é, de fato, uma obra monumental. Desde o início, ela apresenta grande complexidade - divide-se em várias linhas intrigantes, que sugerem a promessa de se fundir em uma única teoria. Conseguimos desembaraçar alguns deles:

- Apresentar uma história das relações sociais com base em uma história da dívida, com o objetivo de provar que o atual "sistema de crédito" não é novo, mas já existia há 5.000 anos. Quais créditos? Vale tudo: dívidas de súditos com seus reis, dívidas de indivíduos com "vizinhos" (sic), dívidas internacionais entre estados, etc.
- Mostrar que a história do dinheiro nos últimos 5.000 anos é caracterizada pela alternância de fases de duas formas de dinheiro: o dinheiro de crédito, que Graeber chama de "dinheiro virtual", e a "moeda", que ele também chama de "cunhagem" e "ouro".
- Para mostrar que hoje vivemos em uma fase de "dinheiro virtual" e que este é apenas o retorno de uma dessas duas fases históricas.
- Argumentar que "uma era de dinheiro virtual deveria significar um movimento de afastamento da guerra, da construção de impérios, da escravidão e da peonagem por dívida... e em direção à criação de algum tipo de instituição abrangente... para proteger os devedores" e explicar por que a "fase" atual contradiz esse tipo de lei histórica.

- Mostrar que o dinheiro comercial (especialmente, ao que parece, na forma de moeda) é baseado em "guerra, violência e crime" (sic). Ele promete contestar a suposição de Adam Smith de que a troca é a base da civilização e provar, em vez disso, que a troca contém elementos de violência.
- Para provar que, quando o dinheiro comercial substitui o que ele chama de "dinheiro social", as comunidades se desfazem e a dívida substitui as obrigações morais baseadas em relações diretas. Como um subtópico deste tópico, ele quer mostrar que a escravidão muda de natureza com o dinheiro comercial e se torna moralmente inaceitável.

Uma teoria do dinheiro ou Chase the Lady?

Entretanto, para nossa decepção, todas essas linhas nunca se unem na prometida grande teoria. Eles surgem aleatoriamente, mergulham, vislumbram e mergulham novamente, escapando de qualquer tentativa de segui-los até uma conclusão lógica. Dentro das linhas, os principais conceitos nunca são claramente definidos e muitas vezes se fundem uns aos outros, sem aviso.

Por exemplo, a expressão "legal" "dinheiro virtual" é usada para abranger formas extremamente diferentes de crédito e/ou dinheiro baseado em crédito. Somos informados sobre formas de crédito pessoal "entre vizinhos", formas de dinheiro "social" usado para consolidar relações sociais, formas de crédito impessoal que podem circular entre estranhos, formas de pagamentos em cevada de governantes piramidais que eram contabilizados em moedas de prata, o uso de moedas (ou conchas) cujo valor era garantido por um estado e sobre o dólar americano, separado do ouro e criado "do nada"... e ainda não sabemos o que é de fato "dinheiro virtual".

Na verdade, nem mesmo sabemos o que é dinheiro. Graeber não nos apresenta uma teoria do dinheiro, mas sim vislumbres de várias teorias. Ele menciona a teoria dos economistas clássicos. Ele menciona, um pouco mais detalhadamente, algumas teorias estatais do dinheiro, que dizem que as moedas são criadas pelos Estados por meio de um sistema de tributação. Ele menciona algumas outras teorias que dizem que as moedas foram originalmente criadas por Estados beligerantes para sustentar seus exércitos; e as transforma em um argumento moralista e pacifista.

Todas essas teorias interessantes são deliberadamente desconectadas. Por um lado, Graeber parece muito entusiasmado com a teoria estatal do dinheiro e parece muito empenhado em nos convencer de que "uma moeda é efetivamente um IOU", que "não há diferença fundamental entre um dólar de prata... uma nota de banco... ou um blip digital" e que até mesmo "uma peça de ouro é realmente apenas um IOU". *"Isso deve ser verdade"*, acrescenta ele, "porque mesmo quando as moedas de ouro e prata estavam em uso, elas quase nunca circulavam em seu valor de ouro". No entanto, ele também adota, com o mesmo entusiasmo, teorias que ligam a cunhagem de moedas às guerras imperialistas e acaba proclamando a existência de eras que diferem devido à diferença crucial entre "dinheiro virtual" e moedas.

Mas se as moedas nunca circulam "pelo valor de ouro" e a forma de crédito pode circular como moeda, que dinheiro é "virtual" e o que é moeda? Se há uma distinção entre moeda e crédito, deve haver uma distinção entre as "IOUs".

Graeber nunca discute a questão. Em alguns momentos, ele parece sugerir uma distinção entre as formas de dinheiro de crédito, que se baseavam em relações pessoais de confiança, e o dinheiro garantido por um Estado, que pode, em vez disso, mediar trocas com estranhos, "ladrões" e soldados - ele parece indicar que a primeira forma de dinheiro caracteriza uma era de "dinheiro virtual".

Em alguns outros pontos, Graeber parece muito interessado em manter uma distinção mais grosseira: "dinheiro virtual" = "qualquer crédito", pessoal ou impessoal; dinheiro não virtual = moedas ou pedaços de ouro - assim mesmo. De fato, ele é inflexível ao afirmar que nosso dinheiro de crédito "plástico" é "dinheiro virtual" e que nossa era é o retorno de uma era de dinheiro virtual. No entanto, os créditos de hoje são tão impessoais que podem ser fatiados, reembalados e vendidos por bancos de investimento, sem que ninguém tenha ideia de quem é o devedor - portanto, a distinção entre formas pessoais e impessoais de crédito não é realmente o que parece definir o "IOU" específico que ele chama de "dinheiro virtual"²⁷.

²⁷ Talvez, entretanto, o dinheiro de crédito não possa ser circulado por soldados e ladrões?

Além disso, Graeber enfatiza bastante o fato de que, em 1971, o dólar foi desvinculado do ouro e associa esse fato a uma nova "era virtual", dando assim ao ouro um status especial entre outros "IOUs"²⁸.

No final do livro, Graeber não se decidiu, mas disse tudo e o oposto disso. Mas a verdade é que ele não consegue definir o conceito de dinheiro, ou dinheiro "virtual", ou valor²⁹. E, paradoxalmente, ele não consegue porque o dinheiro é o *ponto de partida* de sua construção: ele começa com o dinheiro para entender a sociedade que o utiliza.

Há uma linha tênue entre considerar as formas de dinheiro ou crédito como *expressão de* nossas relações sociais e produzi-las. Graeber caiu na armadilha desse fetichismo: ele vê o dinheiro e o crédito como moldando nossas relações sociais. Ele nos ensina, por exemplo, que a moeda imposta por estados desagradáveis transforma "a moralidade em uma questão de aritmética impessoal", que o capitalismo é simplesmente dinheiro de crédito descontrolado, buscando *juros* e se expandindo por si mesmo, e que o descolamento do dólar do ouro trará grandes mudanças em nossa vida e história...

O que Graeber diz parece, à primeira vista, razoável e verdadeiro. Em um mundo em que o valor e o dinheiro ditam a vida das pessoas, em que o interesse da "economia" é visto como mais concreto do que a fome do vizinho, não é de surpreender que as pessoas pensem acriticamente que o dinheiro pode *causar* a maneira como nos relacionamos. O livro de Graeber é um produto ideológico de nossa época.

Esse início abstrato causa o vazio conceitual de Graeber. Se o dinheiro é o ponto de partida para explicar nossas relações, então o que é o dinheiro em primeira instância? Bem, então ele não pode ser absolutamente nada:

Tudo o que eu disse até agora serve apenas para enfatizar uma realidade que surgiu constantemente ao longo deste livro: que o dinheiro não tem essência.

²⁸ Afirma-se com frequência que o dinheiro e as formas de dívidas são "essencialmente" IOUs. No entanto, essa redução do dinheiro e das dívidas a IOUs é apenas um artifício pedagógico usado para explicar as complexidades do dinheiro e das finanças para os não iniciados. As IOUs são apenas a forma mais simples de dívida. Elas surgem entre dois indivíduos particulares, I e U. Em contrapartida, o dinheiro e as dívidas mais complexas são transferíveis e, portanto, sociais. Elas são, de fato, "eu devo ao portador da nota (quem quer que ele seja)". Essa distinção entre uma relação privada de dívida um a um e uma relação social de dívida é fundamental para a compreensão da história do dinheiro e da dívida.

²⁹ A outra verdade é a ignorância de Graeber. Incentivamos nossos leitores a lerem o interessante artigo de Beggs, que mostra que Graeber parece desconhecer os escritos de Keynes, o tratamento dado por Smith à relação entre o dinheiro de crédito e o ouro, questões importantes sobre a teoria estatal do dinheiro, a macroeconomia internacional - na prática, ele tratou a economia e a teoria monetária da mesma forma que tratou O Capital de Marx ou, como veremos em breve, a história da Grécia antiga.

*Ele não é 'realmente' nada; portanto, sua natureza sempre foi, e presumivelmente sempre será, uma questão de disputa política*³⁰.

É justamente porque Graeber não consegue entender a essência do valor e do dinheiro que ele não consegue explicá-los. É por isso que ele não consegue lidar com as diferenças sutis entre uma peça de ouro, um cheque ou uma moeda, e evita o problema chamando-os todos de "IOUs" e, mais tarde, apenas de "nada"³¹. É por isso que ele só consegue mencionar várias teorias sobre o dinheiro, mas não consegue resolver suas contradições e criar uma teoria consistente.

Como Graeber parte do dinheiro em vez das pessoas, ele acaba deixando de entender ambos. Esse não-conceito é totalmente incapaz de explicar qualquer outra coisa. Como não está claro o que é "dinheiro virtual", por exemplo, Graeber não consegue nem mesmo nos convencer de que tipo de "era do dinheiro virtual" estamos vivendo: é uma era de relação pessoal direta? Na verdade, não. É uma era em que, simplesmente, o dólar está desvinculado do ouro? Ou o quê?

Mas é justamente a frouxidão de conceitos e ideias que faz a mágica empolgante em *Debt*: ela permite que Graeber pule de um fio para outro, de contradição para contradição, deixando-nos na expectativa contínua de algo profundo. É um divertido Chase the Lady: o leitor se esquece do que Graeber queria provar apenas um parágrafo antes e fica admirado com a riqueza de teorias, ideias, pequenas histórias e mitos que Graeber, o conjurador, joga sob seus olhos. O resultado é um novo Tommy Cooper, cujos truques errados e desajeitados são tão surpreendentes e divertidos a ponto de criar uma estrela da mídia.



Perseguir o período

³⁰ Dizer que o dinheiro é uma "questão de disputa política" parece tão radical, mas não diz nada e não muda o fato de que o dinheiro é inegavelmente algo, socialmente.

³¹ Estamos lutando pela abolição do valor e do dinheiro, mas não podemos apreciar a afirmação aparentemente radical de Graeber de que o dinheiro é "uma questão de disputa política". Sem entender por que, por exemplo, o ouro aparece universalmente como algo com valor (portanto, sem entender a essência do valor e do dinheiro), a proclamação de Graeber é apenas um slogan vazio.

É exatamente esse fetichismo, o fetichismo do dinheiro de Graeber, que torna seu livro tão fascinante. Além de dar inúmeras dimensões aos conceitos-chave, ele também acrescenta uma espécie de magia. O livro nos dá uma Lei da História, intrigantemente baseada em formas de dinheiro: uma era de "dinheiro virtual" é uma era pacífica, não dominada por estados esmagadores e com instituições que protegem as pessoas da escravidão/peonagem por dívida; e uma "era" da moeda é uma era beligerante, dominada por um estado que impõe sua moeda para sustentar seu exército e onde as pessoas podem se tornar escravas por dívida. Graeber divide a história do mundo em "eras" e afirma que todas as civilizações do mundo se encaixam na "era" correta (por exemplo, a "Idade Média", de 600 d.C. a 1450 d.C., é uma era de "dinheiro virtual" para todos). É incrível o que o dinheiro e o crédito podem nos dizer sobre essas eras e sua recorrência!

No entanto, se deixarmos de lado o fetichismo de Graeber e olharmos para as pessoas em vez do dinheiro, essa "teoria" perderia sua magia e se tornaria bastante banal. Em uma sociedade dominada por relações sociais diretas, podemos ter uma economia baseada em formas de crédito pessoal e confiança - uma banalidade. A troca entre estranhos só pode ser mediada por moedas baseadas em metais preciosos (ou garantidas por um Estado) - outra banalidade. No primeiro caso, a existência de relações diretas pode potencialmente evitar extremos de pobreza e escravidão por dívidas e, no segundo caso, os credores se dariam ao luxo moral de serem impiedosos - mais uma vez, bastante banal.

No entanto, se realmente começarmos a analisar seriamente as pessoas reais e como elas interagem, as banalidades acima se tornarão muito complicadas - descobriremos como a dívida e o dinheiro mudam de natureza em diferentes contextos sociais e épocas e por que o dinheiro e o crédito são hoje surpreendentemente diferentes do passado. Essa complexidade, tememos, também prejudicaria qualquer tentativa de periodizar a história de forma simples e minaria a grande narrativa de Graeber.

Não é difícil perceber, de *fato*, que a periodização de Graeber é problemática e que, toda vez que é aplicada a qualquer caso histórico real, ela nunca se encaixa. Ou há ouro e moedas, mas não há guerras imperiais, ou há guerras, mas não há moedas, ou há escravidão, mas não há nenhuma forma de dinheiro, ou há um estado beligerante que, no entanto, proíbe a escravidão por dívida... Em suma, os seres humanos são

complicados demais para a "teoria" de Graeber! Mas Graeber não parece muito preocupado. Em vez disso, assim que se depara com fatos que contradizem sua teoria, ele apenas destaca de forma inteligente as partes que se encaixam, esconde as partes que não se encaixam e nos distrai de considerar o todo.

Um exemplo desse método é a Idade Média. O período entre 600 d.C. e 1450 d.C. foi, de acordo com Graeber, dominado pelo dinheiro "virtual" e, portanto, pacífico. Foi mesmo? Certamente não os califados islâmicos, cuja unidade do império se baseava na expansão militar e agressiva ao redor do Mediterrâneo e no interior do país. Os califas pagavam seus exércitos em uma *moeda* apoiada pelo Estado (dinares); eles dependiam de um mercado desenvolvido que circulava essa moeda e da imposição de impostos pagáveis nessa moeda. Eles tinham escravos, que constituíam seus exércitos; também exploravam escravos nas minas do Oriente Médio - essa exploração ajudou a financiar o desenvolvimento de construções, artes e ciência durante a "era de ouro" dos abássidas. Por último, mas não menos importante, o califado conseguiu concentrar a agressão militar contra os "infieis", interrompendo as sangrentas guerras intertribais e garantindo rotas comerciais pacíficas e seguras em seu império.

Tudo isso é um problema para Graeber. Em vez de admitir a inadequação de sua teoria, Graeber tenta remendá-la: embora o estado fosse militarista, diz ele, a sociedade civil tinha um caráter notável de "era do dinheiro virtual" porque...

...porque, enquanto os "reis" travavam "suas" guerras no interior, o intercâmbio pacífico podia ser realizado no mar...

... porque os "reis" pagavam seus exércitos em moedas, mas a sociedade civil usava cheques, ou mesmo "apertos de mão"³²...

...porque seus escravos *não* eram escravos por dívida, mas foram capturados na guerra e, portanto, eram moralmente aceitos...³³

...e porque a lei e a ordem nos pacíficos bazares não tinham nada a ver com o Estado, mas eram administradas por sacerdotes islâmicos...³⁴

³² Isso só pode ser verdade se o califado emitiu moedas de chocolate, pois seus soldados devem ter comido as moedas.

³³ Por Mohammed(sic).

³⁴ ...que faziam parte do estado teocrático.

Graeber não consegue ver como em uma economia mercantilista, que fez o dinheiro se expandir, o crédito e a moeda coexistiam - eles não poderiam existir um sem o outro. Ele não consegue ver como o comércio precisava de paz interna e como essa paz se baseava em uma guerra contínua de expansão. Ele não consegue ver como as relações de mercado "pacíficas" no Bazar necessitavam da ameaça de violência para manter uma sociedade de classes em equilíbrio³⁵. Ele também não consegue ver como as relações pessoais e impessoais podem coexistir - relações de confiança entre os membros da elite, que podem "apertar as mãos", e falta de confiança em relação aos pobres, cujas mãos eram cortadas em vez de apertadas³⁶.

Ao negligenciar todas as questões problemáticas acima, Graeber vê as relações de mercado sob o califado como ideais e "amigáveis", com uma atitude de visão ampla que é rara em um anarquista.³⁷

³⁵ É engraçado notar que, meio livro antes, Graeber fez o possível para atacar Adam Smith e insistir que a troca contém elementos de violência; e insistir que a troca individualiza e antagoniza as pessoas. Mas agora ele proclama que quando não há controle estatal de preços e polícia estatal, temos um mercado ideal, perfeitamente civilizado e pacífico. De fato, Graeber estava certo. A troca está enraizada em uma relação fragmentada entre indivíduos e envolve violência - e o Islã é o exemplo que confirma o Graeber da página 32 e contradiz o Graeber da página 282... Em uma sociedade dividida entre ricos e pobres, é necessária uma combinação de violência e ideologia para garantir que os pobres mantenham suas mãos longe das mercadorias dos ricos. É verdade que não havia polícia estatal, mas isso se deve simplesmente ao fato de que o respeito sagrado pela propriedade privada foi introduzido na religião da sociedade civil e porque os sacerdotes islâmicos estavam encarregados de aplicar a lei da Sharia a qualquer mão que fosse pega fora de seu devido lugar.

³⁶ Os créditos entre a elite da cidade de Londres no início do século eram baseados na confiança. Será que isso atesta a "era do dinheiro virtual"?

³⁷ Esse entusiasmo dissimulado parece se harmonizar com uma apreciação dissimulada do islamismo político atual. Isso realmente não convencerá ninguém no Reino Unido que se envolveu no movimento antiguerra e se cansou do comunismo pró-islamismo (nada dissimulado) do Partido Socialista dos Trabalhadores e do Respect (consulte "Croissants and roses-New Labour, communalism, and the rise of muslim Britain", Aufheben #17. <http://libcom.org/library/croissant-roses-new-labour-muslim-britain>



O massacre da Grécia antiga

Outro exemplo do método de Graeber é seu tratamento da Grécia antiga.

Para "provar" que a troca e a cunhagem estão intimamente ligadas à "guerra, à violência e ao crime" (sic), Graeber discorre longamente sobre a cunhagem na Grécia Antiga e a violência do império grego. É verdade, de fato, que o império ateniense se estabeleceu e impôs sua moeda em grandes áreas do Mediterrâneo. E é verdade que os impostos, pagos nessa moeda, serviam para sustentar a força naval ateniense, que impunha uma *Pax Athena* no Mediterrâneo e mantinha as rotas comerciais livres de piratas. Tudo isso é verdade. Entretanto, uma teoria séria e honesta sobre a relação entre moeda e guerra deveria ter discutido por que a rival beligerante de Atenas, Esparta, tinha uma estrutura social baseada na guerra e na disciplina militar e ainda assim era uma economia de comando, não uma economia baseada em trocas.

Essa não é uma questão menor, mas revela muito sobre a troca e sua conexão com a violência. Graeber quer provar que a troca comercial está diretamente relacionada à violência, mas não consegue. Ele falha porque não consegue ver e apreciar os incríveis paradoxos da troca. A troca precisa, de fato, estabelecer relações pacíficas, deslocando a violência para fora da vista. Isso é exemplificado, precisamente, pela diferença entre Esparta e Atenas. Tanto a economia de Esparta quanto a de Atenas são baseadas na escravidão. Enquanto a economia de comando de Esparta precisa envolver seus cidadãos em guerras contínuas para obter escravos, a classe dominante ateniense pode debater sobre filosofia o dia todo, porque pode comprar escravos no mercado.

Graeber não consegue ver como a troca está ligada *tanto* à paz quanto à violência de forma complexa. Ele não consegue ver como, usando a ameaça da violência, o império ateniense estabeleceu rotas comerciais pacíficas que eram necessárias para uma economia estável e o estabelecimento de uma moeda - como... os califados, por exemplo.

Como já observamos anteriormente, Graeber não consegue digerir complicações. Sua teoria é uma teoria em preto e branco; ou melhor, é como um daqueles filmes de John Ford em que os vilões usam chapéus pretos e os mocinhos usam chapéus brancos. A coisa toda é tão difícil para ele que prefere simplesmente chamar o regime ateniense de "Grécia" e descartar o problema de Esparta em uma nota de rodapé.

Esse é apenas um exemplo do massacre que a "teorização" básica de Graeber inflige aos fatos e às coisas importantes que os fatos podem revelar. Se ele fez isso com a Grécia antiga, o que fez com a Índia medieval? Ou à China antiga?

Talvez sejamos um pouco exigentes demais. A maioria dos leitores está impressionada demais com sua erudição para ser exigente como nós e fazer perguntas.



Relações internacionais de Graeber

No entanto, alguns questionamentos inevitavelmente surgiram - Graeber não pôde evitar, por exemplo, uma avalanche de críticas à maneira como ele tratou as relações

atuais entre a China e os EUA - já que mais pessoas têm mais conhecimento sobre esses assuntos do que sobre a Grécia antiga³⁸.

Na Parte 1, vimos que a compreensão simplista e moralista de Graeber sobre a relação devedor-credor é a de vítima-vilão; e que, se esse "senso comum" for aplicado às relações internacionais atuais, será um problema, pois os Estados Unidos, obviamente vilões, são os maiores devedores internacionais.

Sentindo que sua compreensão do mundo com base nas relações de dívida está sob tensão substancial nesse ponto³⁹, Graeber precisa "provar" que, nesse caso específico, a relação de dívida-crédito, vítima-vilão, está de alguma forma invertida - e sugere que os estados que emprestam dinheiro aos EUA o fazem "sob a mira de uma arma", porque são "protetorados" militares dos EUA.

No entanto, isso também não parece estar correto, pois a China, um grande credor inegável, não está nem perto de ser descrita como um "protetorado" dos EUA. Para sair de um buraco cada vez mais fundo, Graeber retorna a ele 300 páginas depois e nos surpreende com seu conhecimento sobre a China antiga. A história antiga é segura: os leitores políticos podem saber tudo sobre as relações internacionais atuais, mas nada sobre a dinastia Han! Assim, ele *pode* nos dizer:

Desde a dinastia Han [o império chinês] adotou um sistema de tributo por meio do qual, em troca do reconhecimento do imperador chinês como soberano mundial, eles se dispuseram a presentear seus países clientes com presentes muito maiores do que recebem em troca... seda e porcelana...

... e é por isso que a China agora é obrigada a emprestar dinheiro aos EUA!

Não sabemos nada sobre a dinastia Han. No entanto, percebemos que, ao longo de seu livro, Graeber se esforça para *provar* que o tipo de presentes simbólicos, como os da dinastia Han, não poderia e não deveria ser reduzido ao dinheiro comercial mundano. Ele diz explicitamente que presentes de dinheiro comercial causariam, de fato, ofensa. Muito menos dinheiro emprestado, que também tem a cláusula ofensiva de ter que ser reembolsado em dinheiro mundano e com juros!

³⁸ Consulte, por exemplo, Henry Farrell, 'The world economy is not a tribute system', <http://crookedtimber.org/2012/02/22/the-world-economy-is-not-a-tribute-system> e 'No, China is not paying tribute to the US, Henry Farrell vs David Graeber, Part CCXXVII', (op. cit.).

³⁹ Apesar do fato de ser feito de lycra.

A Lei Graeber: o dólar americano como "dinheiro virtual" e o início de uma nova era

Graeber entra em outra confusão ao analisar nossa atual época de "dinheiro virtual", que, de acordo com sua periodização, começou com o colapso do acordo de Bretton Woods em 1971.

Graeber afirma que esse colapso teve origem na guerra: para salvar as finanças dos EUA da tensão da guerra do Vietnã, o governo americano desvinculou o dólar do ouro e o colocou no mercado de câmbio. Isso aumentou o preço do ouro, que os EUA armazenavam em abundância, enquanto diminuía o preço dos dólares, armazenados por outros países mais pobres.

O fato de o dólar ter sido "flutuado", acrescenta Graeber, permitiu a criação de dinheiro "do nada": portanto, estes são novos tempos de "dinheiro virtual", conclui Graeber⁴⁰.

No entanto, há um problema. Graeber se esforçou por 300 páginas para chegar à sua lei mágica da história, que descreve como deve ser a era do "dinheiro virtual":

Se a história se confirmar, uma era de dinheiro virtual deve significar um movimento de afastamento da guerra, da construção de impérios, da escravidão e da peonagem por dívida... e em direção à criação de algum tipo de instituição abrangente... para proteger os devedores".

Mas isso não é verdade hoje. O próprio Graeber teoriza que "a nova moeda global está enraizada no poder militar", pois os EUA impõem o valor do dólar a outros países "sob a mira de uma arma"... Além disso, é inegável que os EUA ainda estão travando guerras e que o FMI ainda está impondo pagamentos impiedosos de dívidas aos países pobres.

Essa contradição parece ameaçar a Lei da História de Graeber e sua grande teoria! Mas Graeber não hesita: espere e veja, diz ele, os EUA e o FMI serão punidos por contradizer a Lei de Graeber: a nova era durou apenas 50 anos e os EUA e o FMI estão fadados ao colapso - prova disso é o calote da Argentina e os protestos antiglobalização que, segundo ele, obviamente exagerando um pouco, "conseguiram destruir quase completamente o FMI".

⁴⁰ Por exemplo, na pág. 367

Estamos apenas intrigados com a forma como Graeber derivou sua Lei da História e como ele chegou ao ponto de prever nosso futuro - mágico. Centenas de páginas antes, ele analisou os impérios do passado pré-capitalista, que conseguiram estabelecer uma moeda única nas áreas que controlavam. Quando os impérios entraram em colapso, a "lei e a ordem" impostas pelo exército imperial entraram em colapso, o comércio se desintegrou em grande escala e ninguém podia circular ou garantir uma moeda. Como consequência, a troca se localizou e se baseou em acordos de crédito entre a população local (o que Graeber chamou de "dinheiro virtual"). Além disso, por motivos óbvios, as guerras imperiais desapareceram⁴¹. Isso nos diz algo muito banal:

Uma observação histórica banal: *Quando houve o colapso de algum império no passado pré-capitalista, a moeda do império deu lugar ao "dinheiro virtual"*

No entanto, ao trocar as coisas sob nossos olhos destreinados por 300 páginas, o mágico Graeber conseguiu, no Capítulo 12, transformar isso em uma intrigante Lei da História de Graeber:

A Lei da História de Graeber: *Quando há uma era de dinheiro virtual, isso significa um movimento de afastamento da construção de impérios.*

Essa lei parece se aplicar quando há qualquer tipo de "dinheiro virtual", independentemente das relações sociais ou do equilíbrio de poderes que isso de fato reflete!

Na verdade, nosso sistema de crédito não reflete a desintegração de nenhum império e não é uma forma de crédito entre aldeões: ele reflete mais do que nunca a existência de transações impessoais (até mesmo internacionais), que só podem ser apoiadas por estados e dentro de um sistema internacional de poder. Mas Graeber é um crente. Seja qual for a origem de sua lei, ela nos diz que hoje vivemos em uma era de "Dinheiro Virtual" (seja lá o que isso for) e, como consequência disso, o império dos EUA e o FMI não podem viver por muito tempo (seja qual for o motivo).

⁴¹ Não importa se o fim das guerras imperiais marcou o início de guerras intermináveis entre cidades-estado, tribos ou saques de invasores armados em áreas anteriormente pacificadas - esse tipo de "violência" não foi exercido por um estado imperialista desagradável e desaparece por um buraco nas meias de Graeber.



Ficamos tentados a escrever um longo tratado sobre por que a China empresta dinheiro aos EUA, como é possível que as guerras e a pobreza da dívida de hoje possam coexistir coerentemente com a forma atual de dinheiro, por que o dólar tem sido a moeda dominante sem a necessidade de ser imposto "à mão armada", ou para explicar por que Graeber confundiu a prática pouco ortodoxa da flexibilização quantitativa (que de fato cria dinheiro do nada) com as práticas que normalmente estão por trás da emissão de dólares americanos. Mas não faremos nenhum trabalho, porque uma resposta à confusão acima serviria apenas para endossá-la com crédito intelectual.

Em vez disso, pode ser um exercício saudável realizar o exorcismo definitivo: vamos invadir o próprio território de Graeber e sua antropologia.

Sobre mulheres e vacas

Voltemos, por exemplo, à Irlanda medieval, onde as dívidas de "honra" eram contabilizadas em "cumal" (mulheres escravas) e "vacas", e vamos primeiro apreciar a análise de Graeber. Ele começa se perguntando: "Por que *mulheres*? Havia muitos escravos do sexo masculino na Irlanda antiga, mas ninguém parece tê-los usado como dinheiro". Por que as mulheres, então? Graeber nos informa, minuciosamente, sobre as minuciosas regras legais que mediam o preço de honra de cada homem, mulher, rei ou servo e chega à resposta:

Tudo isso (...) torna possível entender (...) por que [as mulheres] eram mantidas como unidade para o cálculo de dívidas de honra (...) se a honra se

baseia, em última análise, na capacidade de extrair a honra dos outros, isso faz todo o sentido. O valor de um escravo é o da honra que foi extraída dele

Bem, de fato, não... isso não explica por que *as mulheres*, e ele sabe disso! Então ele acrescenta:

A honra é um jogo de soma zero. A capacidade de um homem de proteger as *mulheres* de sua família [de se tornarem escravas] é uma parte essencial dessa honra".

Tudo isso foi escrito de forma inteligente, mas ainda não explica realmente por que um homem não pode medir o valor em termos de sua própria honra, que ele também precisa proteger. Além disso, pode-se ter dúvidas sobre a honra das vacas... Mas quem se atreve a contestar? Essa é uma teoria tentadora, precisamente porque é obscura e nos faz sentir um pouco estúpidos e admirados.



Ainda assim, ousaremos propor outra teoria, menos tentadora. Imaginemos que, há muito tempo, as disputas decorrentes da violação de questões de honra causavam guerras entre as tribos irlandesas, e que os cativos e o gado eram o saque óbvio em guerras e invasões. Imaginemos que, para evitar guerras reais e sangrentas, as disputas eram resolvidas, pelos chefes tribais do sexo masculino, em vacas e/ou mulheres - que provavelmente eram consideradas mais descartáveis do que os homens.

Obviamente, ferir a honra de um rei teria causado uma guerra maior e um saque potencial maior do que a honra de um súdito; e isso pode explicar perfeitamente por que a honra era medida em quantidades de mulheres e vacas. Isso também pode explicar o fato de que, muitos anos depois, mesmo após o fim da escravidão, as dívidas e transações ainda eram contabilizadas em "mulheres" e "vacas".

Não prometemos que nossa teoria antropológica seja verdadeira, mas dar risada ao inventá-la e ver que ela faz mais sentido do que o palavreado erudito de Graeber tem sido uma experiência interessante, com um valor radical inegável por si só.

Como conclusão

Quando, há muito tempo, comentamos sobre a matemática de Leopoldina Fortunati, dissemos que não gostamos de escritores "políticos" que tentam criar admiração em seus leitores, usando uma cultura tremenda, construções intelectuais intimidadoras (ou até mesmo grandes fórmulas), especialmente quando esse material deslumbrante acaba sendo banal ou até mesmo sem sentido.

A teoria política que amamos é aquela que visa a compartilhar nossa experiência comum de luta, e essa teoria prática não pode projetar temor. Em vez disso, a distância intelectual é necessária entre o mundo acadêmico radical e as pessoas que estão engajadas na luta contra seus exploradores - é necessária quando, no final das contas, o acadêmico tem apenas suas coisas acadêmicas para dizer, coisas que estão a quilômetros de distância da experiência dos "pobres" ou de quem quer que seja sobre quem ele fala⁴².

O fato de ter estado com "os pobres" no Parque Zuccotti e o fato de ter vestido seu livro com slogans radicais não muda nossa opinião sobre Graeber e seu livro. No final das contas, *Dívida: os primeiros 5.000 anos* é apenas um livro pretensioso que não vai nos ajudar na luta atual e não nos ensina nada do que precisamos saber.

É nosso conhecimento prático, criado por nós e por muitas pessoas antes de nós a partir da luta, que as dívidas do Terceiro Mundo não devem ser pagas - e não vemos nenhum "dilema moral" nisso. É nosso conhecimento prático que nossa sociedade é inerentemente exploradora (e que a troca de mercadorias precisa de formas de coerção).

⁴² Para ilustrar esse ponto, temos nossa pequena anedota antropológica que nos foi apresentada por membros do Boycott Workfare. O BW é um grupo de campanha de base composto por pessoas que recebem benefícios, cujas ideias refletem a experiência dos requerentes com o assédio do Estado e com uma vida de renda extremamente baixa. Na onda de sucessos recentes que atraíram a atenção da mídia, os membros do BW foram convidados no ano passado para falar com estudantes universitários. Falando sobre essa reunião conosco, eles descreveram, balançando a cabeça, um professor americano que foi visivelmente tratado com veneração pelos alunos: Durante a reunião, esse professor propôs uma ação direta ao público: cair o prédio do DWP. A princípio, achei que ele estava brincando, mas depois percebi que era muito insistente para uma brincadeira e fiquei olhando, sem palavras, para aquele homem bobo que imitava o uso de um rolo de pintura...". A irreverência é parte integrante de uma perspectiva de classe saudável.

É o nosso conhecimento prático que nos faz dizer qual devedor ou credor é "o vilão". E não precisamos dos argumentos contraditórios de Graeber para sair de qualquer confusão moral, simplesmente porque não a compartilhamos com Graeber.

